

Praias do subúrbio estão abandonadas

Pão e circo, como diriam os romanos. É isto que representam as praias do subúrbio ferroviário de Salvador para os milhares de moradores da área. Das águas contaminadas pelos inúmeros esgotos por onde escoam detritos de residências, fábricas e clínicas existentes no local, é retirado o sustento da maior parte das famílias e proporcionado o único lazer disponível àquela população de baixa renda. Ali, depois de uma semana de trabalho mal remunerado ou apenas de busca a uma ocupação qualquer – sem a qual lhes restam, para alimentação e fonte de renda, os mariscos que se desenvolvem na água poluída –, as pessoas divertem-se, forçosamente, em meio à sujeira, depois de arriscarem a vida entre os trilhos da via férrea, já que este é o único acesso à faixa de areia. Por falta de alternativas, este fica sendo o retrato dos finais de semana no subúrbio, pelo menos até que o tão sonhado projeto de saneamento seja implantado.

RITA CONRADO

Ao contrário do que se possa imaginar, a recente revitalização da área de São Tomé de Paripe e Base Naval de Aratu não livrou os frequentadores daquelas praias do convívio com o esgoto. Ao lado dos novos equipamentos, que dão ao banhista uma estrutura mais que razoável diante da realidade das praias mais próximas, a água fétida faz grandes poças e escorre para o mar, misturando-se com as águas tranquilas da baía.

Para aquele local desloca-se boa parte dos moradores dos bairros daquela parte de Salvador, pelo menos os que têm condições de arcar com despesas como transporte e os pequenos gastos que comumente são feitos em programas desse tipo, especialmente quando se é acompanhado de crianças. Mas nem só o grande volume de esgoto incomoda os banhistas. Mesmo com as mudanças, as reclamações existem e, com os moradores, fazem coro os trabalhadores da área.

"Não temos policiamento aqui e os marginais fazem o que querem. Só existe um módulo em São Tomé, mas, para o lado de cá, estamos entregues à sorte. Somente no fim de semana tem policiais, mas, mesmo assim, quase que não vêm para cá, deixando os descuidistas à vontade", ressaltou o ambulante Antônio Pereira dos Santos, que trabalha no local há três anos. "Aqui o pessoal bebe, diz que não vai pagar e fica tudo por isso mesmo", assinalou.

Este tipo de prejuízo faz com que seja ainda mais reduzida a margem de lucro dos que têm o comércio como atividade. Obrigados a vender por um preço reduzido, devido ao tipo de público a que atendem, enfrentam também o "calote". Ali, os preços são convidativos. Um peixe com farofa e salada pode custar R\$ 3,50 e, sendo dois, o custo cai para R\$ 5. Isto acompanhado de uma cervejinha gelada, que ficam, duas, a R\$ 1,50. "Que jeito? Se vender mais caro não compram", explicam os vendedores.

Mesmo que a praia tranquila e rasa atraia pessoas de outras áreas da cidade, que preferem

usufruir da beleza do lugar, dos preços ou da facilidade em chegar à Ilha de Maré, através das lanchas que fazem a travessia a partir do terminal hidroviário, o projeto de recuperação do local não previu a instalação de banheiros ou sanitários públicos. "As pessoas satisfazem suas necessidades na água ou no chão. Tem horas que o mau cheiro nas calçadas incomoda", assinala Antônio, que mostra também o pouco cuidado com a coleta de lixo, que, ainda assim, é feita com certa regularidade.

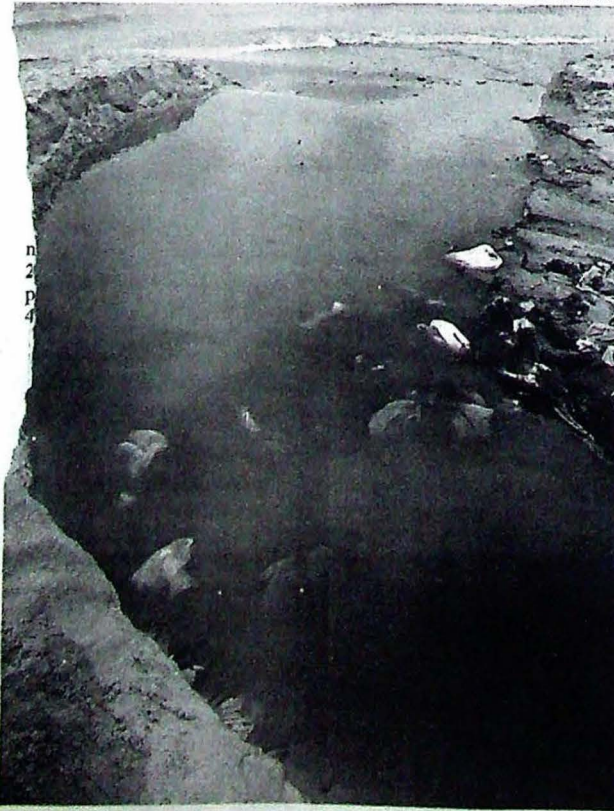
"Mas nos fins de semana deveriam pegar o lixo cedo", diz, com razão, afinal, no último final de semana, no pouco espaço disponível na rua próxima à praia, o lixo tomava conta de uma parte significativa. Chuveiros também não existem e quem pensar em tirar o sal do corpo na hora de voltar para casa, vai encontrar dificuldade. "Não tem água para banho, a não ser que consigam em uma casa de família", diz a vendedora de bebidas Maria da Anunciação, acostumada a ouvir a mesma reclamação aos sábados e domingos.

Imundície

A descida em direção à Calçada, parando em cada local onde a praia poderia ser bem-utilizada para o banho de mar, revela que a situação é bem pior em outros bairros do subúrbio ferroviário. Em Paripe, mais especificamente na área de Tubarão, o esgoto e o lixo conseguem fazer com que boa parte dos moradores despreze este tipo de lazer. "Não tenho coragem de tomar banho, mesmo no local melhorzinho", diz Anáides Gomes, que vive ali há cinco anos.

O local "melhorzinho" fica bem próximo à área em que o esgoto corre feito um riacho de médio porte e despeja no mar sem ondas todo tipo de imundície, até mesmo animais mortos. "Como o mar é parado, não acredito que esta porcaria toda seja levada para longe com facilidade. Acho que fica tudo misturado por aqui", explica. "Até o esgoto do Hospital João Batista Caribé cai no mar de Paripe", diz ela, enquanto observa as crianças que levou para a praia tomarem, inocentemente, o seu banho de mar.

Foto: Geraldo Ataíde



Em Praia Grande, a poluição é responsável pela mortandade de peixes



Toneladas de lixo se espalham por toda a área da Praia de São Tomé de Paripe, colocando em risco a saúde de seus frequentadores

Águas exalam mau cheiro

Em Periperi, a situação dos banhistas é parecida, senão pior. É difícil avaliar. Para ir à praia, onde não há acesso para carros, precisa-se passar por um caminho estreito, margeado por um esgoto caudaloso e antigo, por cima da linha do trem. Já do outro lado, um caminho entre as residências construídas numa área de invasão levará ao trecho de mar e areia, objetivo de quem busca um pouco de diversão, principalmente para as crianças que moram na área e que não dispõem de outra alternativa gratuita de lazer.

As condições da praia são denunciadas pelo mau cheiro que o local exala. Além de falar todo e qualquer equipamento para o banhista – que se conforma, apenas com o futebol e o frescobol nas areias sujas ou com o serviço das poucas e malcuidadas barracas que insistem em permanecer no local –, falta também o principal, que é o banho de mar. "A gente só vem aqui para os meninos brincarem na areia, não deixo entrar na água", diz Joana Régis, que consegue resistir ao apelo da filha, que faz questão do banho salgado. "Por aqui não tem nada. O jeito é trazer para a praia e passar por isso", explica.

Há os que, inadvertidamente, enfrentam o incômodo e os riscos do banho, mas, ali, são poucos, segundo uma barraqueira que testemunha esta situação há nove anos. "As pessoas só vêm tomar uma cervejinha e deixar as crianças brincarem perto da água. Difícilmente se toma banho de mar", conta. "Temos o privilégio de ter praia no lugar que a gente mora e não temos como aproveitar. Tão perto e tão longe", avalia o morador Cid Fontes. "É um desperdício. O subúrbio tem as praias mais bonitas de Salvador", acrescenta.

A situação se repete em outras praias, como em Praia Grande, um local tão bonito quanto todas as praias do subúrbio e que já atraiu banhistas de todas as partes da cidade. Como todas as outras ali, além de limpeza e outros itens necessários ao conforto do banhista, também falta segurança. "Prefiro somente andar na areia. Para que tomar banho, para sair com o biquíni encardido?", argumenta Avani Ramos, que mora em Periperi, mas prefere ir à Praia Grande, segundo ela, numa situação um pouco melhor.

"Pelo menos aqui o esgoto que corre não é de hospital, é de residência", completa. Para ir à Praia Grande, os carros podem chegar mais perto. "Há alguns anos, esta Rua Agenor de Freitas ficava cheia de veículos estacionados. Agora, não. Ir à praia é buscar micoses", diz um comerciante da área, que prefe-

re não se identificar por ter queixa também da marginalidade existente. "Se a polícia aparecesse aqui uma vez por ano, ao menos, seria maravilhoso", diz, em tom de brincadeira, mas querendo mostrar a real situação. "O lixo é coletado dia sim, dia não", completa.

Ainda assim, mais pessoas procuram aquele local, como a caixa de supermercado Elisabete de Jesus. "Esta praia é melhor do que a de Plataforma", diz, revelando que não se desloca até a Base Naval de Aratu, considerada a melhor da área, por falta de dinheiro. "Até Escada, o trem é de graça", explica. O motivo da gratuidade é esclarecido. "Os

marginais invadiam as estações de trem, a qualquer hora do dia, e levavam todo o dinheiro. Desistiram e deixaram de graça. Agora, a gente que usa o trem é que fica entregue a eles", revelam os moradores do lugar.

Mais para baixo, os problemas continuam. Em Escada, onde tão bonito quanto reduzido é o espaço de areia disponível ao banhista, a água do mar ferve e fica preta, quando o fluxo do esgoto é maior. Ali, também, cavalos e cachorros são levados para o banho de mar, nas piscinas que se formam naturalmente. "Aprendemos a conviver com isso", conforma-se a estudante Elisângela da

Silva. O perigo de atravessar a via férrea também é destacado. "Os marginais ficam drogados e até atacam as pessoas", completa Flávia Freitas.

Itacaranha e Plataforma. Praias e problemas. Esgoto, lixo, falta de equipamentos, de segurança, de lazer tranquilo e decente. Como todas as outras praias do subúrbio, falta também iluminação, com exceção de São Tomé de Paripe e Base Naval de Aratu. "É uma pena. Seria maravilhoso se a gente tivesse uma praia boa, que pudesse levar nossos filhos sem riscos de doença. Era o mínimo que a gente daqui merecia", analisou a comerciante Andréa Bastos, que mora em Plataforma.



Esgotos correndo a céu aberto exigem verdadeiras ginásticas para locomoção dos moradores

Expectativa para o ano 2000

A expectativa é de que, no início do ano 2000, as ligações residenciais já estejam sendo feitas à rede coletora da Bahia Azul, o que livrará as praias do subúrbio dos esgotos, seu principal problema. As obras começaram há um ano e foram iniciadas agora na terceira bacia coletora, a de Paripe. A rede passará na porta de 80% dos usuários do subúrbio. "O Bahia Azul vai re-

solver quase a totalidade do problema, mas é preciso a conscientização das pessoas, tanto para fazer suas ligações à rede, quanto a cuidar melhor do seu lixo, que também polui a baía quando é jogado na rede pluvial", destaca o diretor de engenharia e meio ambiente da Embasa, Jessé Mota Carvalho Filho.

O Fórum de Controle Social do Bahia Azul, que reúne 25 en-

tidades da sociedade civil – como a OAB e associações de bairro –, considera fundamental esta conscientização, mas desde agora. "Não se faz uma obra de engenharia deste porte sem causar transtorno à população. A comunidade do subúrbio sabe pouco sobre o projeto e reclama do desconforto causado pelas obras", diz um dos integrantes do fórum, o professor de hidráulica e saneamento Roberto Moraes, da Escola Politécnica da Ufba.

"As pessoas precisam saber o percentual que vai ser atendido, quanto terão de pagar, como utilizar a nova tecnologia, dentre outros aspectos do projeto", diz. "A participação da comunidade é fundamental, inclusive para tomar conhecimento de que, na verdade, a Baía de Todos os Santos é poluída, principalmente, pelos metais pesados das indústrias. Os detritos residenciais são diluídos com a enorme massa de água da baía, que é renovada de 30 em 30 horas", assinalou Moraes. "Atribuir a poluição da baía a isto foi um mote utilizado pelo governo que não se sustentou", completa.



Em Periperi, crianças brincam em meio ao mau cheiro das águas